

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
João Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Officinas de Impressão—R. da Atalaia, 134—
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Talhadas—Lisboa • Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ESTREITEZA DE VISTAS

Está o governo, conforme se conclui de certas notas que os jornais que lhe são afectos vem publicando, na disposição de exercer sobre a classe operária a feroz repressão, servindo-lhe para o pretexto o facto de prosseguir a greve ferroviária, que toda a gente imparcial sabe que se mantém pela estranha irredutibilidade manifestada pela Companhia e pelo governo.

Se este puzer em prática os seus malfélicos planos, assistir-se-á, pela primeira vez, à prática de actos que nenhum outro governo—monárquico ou republicano—se atreveu ainda a levar a efeito, a despeito de termos visto meter neste país, contra o operariado organizado, as mais bárbaras agressões, especialmente desde que a república se plantou, agressões que tem partido exactamente dos homens que se destacaram no ataque às violências do anterior regime político, os quais tem aliado de preferência os elementos que em maior demão tem sabido, não em palavras, mas com actos, defender a república nos momentos em que esta se encontra, sendo certo que nesses momentos os tiranetes de pacotilha desaparecem prudentemente para reaparecer lido o perigo.

Conhecemos os endiabrados planos do governo, e apesar de sabermos que os seremos dos últimos a ser alvo de, porque o ódio que nos consagramos na nossa propaganda é intenso, estamos serenos e tranquilos, e sucede assim a despeito de não dispormos de arma, nem de metralhadoras, nem de tanques, mas apenas da força da Razão, e do contrário do que se verifica com os governos, cuja razão é a força, e a qual conseguem ainda manter, embora num equilíbrio instável.

Contra o governo em prática as suas medidas de repressão brutal, que com o não lográrem fazer parar a onda que a galgará todos os obstáculos que

Após a revolução

Após a Revolução, que seja dito de passagem, só poderá manter-se em Portugal, depois do seu definitivo triunfo em países de importância superior: Inglaterra, Alemanha, França, etc., é natural, é mesmo certo que a burguezia não tentará pôr uma resistência séria. A burguezia esconde-se há recessos, não com medo dos dirigentes, que ela sabe serem generosos até ao esquecimento de um passado de infâmias, mas com medo do povo, cuja interessante psicologia irá até ao ponto de pretender fazer justiça de Fafe... Quanto a mim, que julgo possuir um critério altamente humano, pode a burguezia viver descançada: se é certo que defenderá a Revolução «com unhas e dentes», é certo que não exercerá a mais insignificante vingança individual, convencido como estou que a vingança gera a vingança e que a prática duma razoável tolerância é um excelente meio de desarmar adversários.

«Não procedem eles, os burguezes, da mesma maneira? Bem sei: são terríveis, na generalidade, terríveis como tigres, sanguinários como panterás. Mas lá por que assim é? Vamos nós proceder do mesmo modo? Não, que isso seria pretender nos ser da sua igualdade, e de modo nenhum queremos sobre nós essa egomonia. Quer isto dizer que nós, os revolucionários, sejamos completamente pombas? Não, de modo nenhum: pombas, sim, mas até onde se puder ser. A Revolução é superior a tudo. Sendo assim, tem a Revolução de ser defendida de todas as formas.

Assim, escondida a burguezia, que dificuldades encontrarão os revolucionários? A polícia? Mas a polícia como? Não é a polícia filha do povo, constituída, na sua maioria, por desgraçados que nunca tiveram a prazer de sentir o benefício de uma fatura casaca? A polícia, como o exército, são instituições que se mantêm por um equívoco. Amanhã, e este Amanhã é a Revolução, desaparecerão como por encanto, cedendo tudo, absolutamente tudo. Não haja, pois, o receio da polícia, que fará causa comum com o povo às primeiras escaramuças.

O exército? O exército! Todos nós, os que somos um pouco psicólogos, sabemos qual será a acção do soldado. O soldado, que é filho do povo e que tem paixão pelo povo, deter-se-á a princípio, quero dizer, no início revolucionário, temendo um gesto de rebelião; mas momentos depois, logo que observe o quente entusiasmo da plebe insubordinada, não hesitará: sairá para a rua com a sua espingarda, indo juntar-se aos pioneiros da Liberdade, com o fim de fazer frente a aqueles que, criminalmente, pretendem sujeitá-lo a uma disciplina escravizadora.

Deste modo, isto é, não havendo que recear a acção hostil de todos aqueles que por um equívoco tem defendido os privilégios revoltantes da burguezia, o que é que impede o continuar da revolução? É o que será o continuar da Revolução? Será, nem mais nem menos, que o pão com fatura para todos, o agasalho necessário para os que tiritam, o vestuário necessário para os esfarrapados. Onde ir buscar tudo isso? Sabem-lo nós muito bem: onde tudo isso estiver armazenado! Como assim? Ora essa! Pois o que é a Revolução? A Revolução é dar a todos o que é necessário, indo tirá-lo onde se encontrar, e fazer uma produção abundante, que cimente amplamente para as necessidades de todos.

Dirão os burguezes: «Mas isso é o roubo.» Responderemos nós: «Mentira. O roubo tende-lhe ao manto.» Isto é a justiça. «Aparecerão algumas dificuldades nos dias agitados da revolução?» Acreditado. Os egoístas, que vivem espalhados em todas as classes, pretenderão para seu uso exclusivo tudo que aparecer de melhor. Mas não conseguirão o seu criminoso intento porque o povo, tendo membros inferiores, é constituído na sua maioria por almas generosas.

Gonçalves CORREIA.

SINDICATO OU SOVIET

Simple enunciação de problemas formidáveis

Do último número da interessante revista *A Sementeira* transcrevemos o seguinte artigo, que por muitos títulos merece a atenção dos militantes da classe operária:

«Uma intervenção vitoriosa dos Estados burguezes na Rússia e na Hungria e o triunfo e consolidação da reacção, personificada em Koltchak, Denikin, Mannerheim, seriam certamente impotentes para destruir por completo algumas das conquistas da revolução, sobretudo as que se referem à questão agrária, mas desencadeariam inevitavelmente uma forte vaga contra-revolucionária, de multiformes aspectos, não só na Rússia mas em todo o mundo, e sustariam ou retardariam o avanço e o ulterior desenvolvimento da revolução para formas mais completas e mais livres.

Entretanto, a tarefa urgentíssima que se impõe hoje ao proletariado internacional—a luta contra esse perigo—não deve anular a crítica de males e defeitos a evitar, quando nos chegar a vez, e isso no próprio interesse daquele desenvolvimento que se trata precisamente de salvaguardar.

Já a Hungria, segundo vários depoimentos, tirou proveito da experiência russa, o que, no Ocidente, deve fortalecer a esperança de fazer mais e melhor.

Certo é que, para formar um juízo equânime das realizações e métodos revolucionários do Oriente europeu, nos vemos diante de duas ordens de elementos de crítica, pelo imperfeito conhecimento dos factos, e do desconto considerável que, como aqui temos feito, ressaltar, é forçoso conceder aos revolucionários russos, em vista das formidáveis dificuldades e hostilidades, internas e externas, por eles defrontadas.

Mas é lícito, em todo caso, chamar pelo menos a atenção para certos pontos inquietantes ou obscuros, a fim de serem combatidos ou esclarecidos.

«Que é pois a revolução russa—preguntava *La Vie Ouvrière*—se não uma revolução de carácter sindicalista? E no seu primeiro número, o conhecido militante inglês Tom Mann dava a seguinte definição: «Bolshevismo, espartaquismo, sindicalismo, tudo isso significa a mesma coisa sob nomes diferentes: a direcção completa da indústria, inteira pelos próprios trabalhadores, sobre a base duma cooperação verdadeira e da integral administração de toda a riqueza assim criada.»

Assim seja! Assim seja sinceramente desejado, concebido e executado! Lá por causa de palavras, não seja a balsa Soviet ou sindicato, por exemplo, pouco importa, tanto mais que, na Rússia, se chama ao sindicato soviet económico.

Mas a questão toda está no modo de conceber e realizar o sovietismo ou mesmo o sindicalismo, e foi por isso que, sindicalistas antes e depois da letra, nunca largámos o necessário qualificativo de anarquistas.

Respondendo a uma objecção contra a importação do bolshevismo, Monatte pergunta:

«O Soviet é porventura coisa muito diversa da União local dos sindicatos? «Acaso a República federativa dos Sovietes é coisa muito diferente do que poderia ser uma República federativa sindical?»

Nos, porém, temos receio de certas superstições políticas, resultantes do dualismo da organização económica (soviet económico ou sindicato) e da organização política centralizada (soviet político). Nós tememos a formação duma nova burocracia, incompetente e estranha à produção, e no entanto ditando leis e regras sobre todas as coisas, por mais que se afirme, como faz Emilio Chauvelon em *L'Ecole de la Fédération*, que a nova estrutura política suprime ou neutraliza o burocratismo.

Certamente, nós admitimos e sempre propugnámos uma organização de combate, estranha aos sindicatos, mais ágil e maleável do que eles, a qual, durante o longo período revolucionário, assegure a defesa da revolução. Mas a isso se deve restringir o seu papel. Se fosse só isso a ditadura proletária, tratar-se-ia apenas duma palavra antipática e equívoca, mas que, no fim de contas, nós não causaríamos susto.

Mas o pior é quando essa ditadura vai até à intrusão na vida económica, moral e intelectual, na reorganização educativa e técnica da sociedade.

«Esta ditadura de classe, ou antes de partido, não passaria, no manejo dos homens e na prática das coisas, de um novo Estado burocrático, cuja ingerência impertinente, superintendente, inquisidora e implacável centralização, em breve subordinaria pela força as associações de produtores a um novo credo político-económico. E os produtores só teriam, então, o vestuário, alojamento e meios de produzir com a condição de dar garantias completas da ordem, de disciplina, isto é, de obediência ao novo Estado e seus funcionários.»

Tal é o perigo, como vê o camarada sindicalista Chantais, ao examinar algumas afirmações de Lênine nos «Problemas do Poder dos Sovietes».

Na *Batalha*, Arthur Leuba faz algumas considerações que obrigam pelo menos a reflectir, tendo interrogado numerosas pessoas que viveram na Rússia e assistiram à revolução marxista, Leuba escreve:

«As testemunhas oculares dessas jornadas históricas são todas concordes na

NA MANUTENÇÃO MILITAR

O sr. director em exposição

As habilidades do sr. Comendador

O sr. Luís António, que, como todos sabem, é há bastante tempo o director da triste figura na Manutenção, tem sido analisado, nestas colunas, nos seus mais variados aspectos. Ainda o não mostrámos, porém, como uma criatura desinteressada até ao extremo, a ponto de acusar de falta de patriotismo os operários quando estes lhe foram pedir aumento de salário. Ora, o coronel-basófia, como também é conhecido o comendador Luís António (sim, senhor, já é comendador!) exigiu, quando da sua reintegração, coisa parecida com 15 meses de ordenado, pois tantos foram os que se conservou afastado do lugar para onde nunca deveria ter voltado. Os anti-patriotas, todavia, são os operários que reclamaram um pouco mais de pão. E preciso que, no entanto, sua ex.ª se convença de que os trabalhadores não tem tempo nem paciência para se ocupar da pátria, já mais quando ela os trata tão delicadamente, ao sentar praça, dando-lhes, como na Manutenção, de que é director o comendador L. António, uns feixes de palha, onde descansam os ossos, como se fossem bestas.

Há muito, mas muito, mesmo, a dizer de sua ex.ª, desde a operária que foi imediatamente despedida por estar falando com seu irmão, igualmente operário da Manutenção, à porta da oficina de vidraria, até, por exemplo, à atitude inacreditável do director da triste figura, obrigando duas mulheres a ir à marquessa, para que o médico verificasse se era verdade o que diziam: que não podiam estregar as casernas, pelo facto de estarem doentes e não se poderem molhar.

Já se não fala aqui das inúmeras sinistrias de que o sr. Luís António foi alvo, uma das quais diz assim na sua 1.ª acção: «O ex-director sr. Vasconcelos

los Dias, embora mostrasse bastante actividade e iniciativa e desse à Manutenção Militar um largo desenvolvimento, era dominado por um gênio impulsivo e pela paixão política, perseguindo e afastando daquele estabelecimento, com insignificantes pretextos, e algumas vezes sem pretexto algum, os oficiais, sargentos e operários que não eram afeiçoados às suas ideias, admitindo e conservando sargentos revolucionários que se impunham e despregavam os oficiais.

Já se não fala aqui dos factos escandalosos que se deram com uma dactilógrafa de nome Adelaide, a quem na Manutenção chamavam a *Senhora Directora*, e que tendo ido ganhar, em 1912, apenas \$24, ganhava há coisa dum ano \$140, quando as suas colegas, em igualdade de circunstâncias, não chegavam a ganhar \$100.

Já se não fala aqui de verdadeiros esbanjamentos, que o seu tecto administrativo provocava, pois não possuindo, como não podia possuir, os conhecimentos especiais indispensáveis num estabelecimento de tão complexa laboração, ordenava aquisições prejudiciais, detendo-se muitas vezes ao mar, por não querer consultar os técnicos, grandes porções de conserva e outros gêneros, incapazes para o consumo.

Já se não fala aqui... Mas para que continuar. Apresentamos já suficientemente o coronel-basófia em várias modalidades do seu talento formidável. Temos a convicção de que o público que nos lê o ficou conhecendo um pouco, um pouco, só, pois nem que lidássemos com ele trinta anos o chegaríamos a compreender.

Ainda o não apresentámos, porém, como apaixonado D. Juan, porque ainda não tivemos tempo para isso. Todavia, como este assunto formará um capítulo à parte, sem dúvida interessante, amanhã juntaremos este acto à tragédia, que, em honra de sua ex.ª, temos vindo compondo.

A GREVE FERROVIARIA

Devido à intransigência do governo e da Companhia, encontra-se no mesmo pé o grave conflito

Continua o movimento ferroviário, que bastantes prejuízos tem causado, cabendo a inteira responsabilidade de tal sucesso à Companhia e ao governo, que, mantendo-se numa intransigência criminosa, e nada atendem, a ninguém dar atenção, repellido orgulhosamente a mediação de entidades várias que ao conflito tem procurado pôr cobro com o estabelecimento de uma plataforma conciliatória que para ninguém fosse desprimosura.

«E' deplorável este facto, que demonstra o claro propósito de esmagar a classe ferroviária, forçando-a não só ao abandono das suas reclamações, mas ainda à eliminação dos seus melhores elementos. De tal atitude sucessos lamentáveis podem resultar, porque quando de tal forma é impellido uma classe para o desespero, ela pode lançar mão de todos os recursos, ainda os mais violentos, para salvação da sua dignidade, do seu brio, do seu punho de homens livres, que não podem aceitar a volta em tropel ao trabalho, qual bando de carneiros, castigados pela vara do matoral.

Necessário se torna que os governantes e a Companhia se animem de um maior espírito de conciliação, atendendo os grevistas, fazendo-lhes justiça, terminando, assim, com um estado de coisas que, sendo acolhido de bom agrado pelos apacibadores, muito de mau representa para as classes proletárias, que a sua especulação se encontram sujeitas.

tem provas em contrário. E' a tática de todos os que querem governar.

O *Século* mencionado diz que ontem foi tudo para o trabalho. A verdade é que o pessoal da C. P. e das outras linhas não retoma o serviço enquanto não forem atendidas devidamente as suas reclamações.

Houve ontem uma reunião importante de maquinistas e fogueiros para assinatura de um compromisso de honra em como não retomariam o serviço enquanto não forem satisfeitas todas as reclamações pendentes.

—A força armada que se encontra em Vila Franca, como numa casa de pasto estivessem conversando animadamente vários grevistas, entender por bem fazer descargas, com aquela fúria que lhe é peculiar, descargas que ninguém atingiram, felizmente, tendo o proprietário encerrado o estabelecimento e dando saída pelas trazeiras do prédio aos grevistas que nele se encontravam.

—Confirmamos que são falsos os telegramas dos comandantes da força em que dizem que o pessoal está a apresentar-se ao serviço.

Para a frente famintos! Não retroceder nem um só passo! Viva a greve geral!

O Comité Central Ferroviários do Sul e Sueste

Nota oficial

Perante o fracasso das démarches efectuadas pela comissão conjunta de delegados desta classe e dos Correios e Telégrafos no intuito de solucionar a greve dos ferroviários da C. P., e em conformidade com a 3.ª conclusão da moção conciliadora aprovada pelo pessoal ferroviário do Sul e Sueste, na sua sessão magna do dia 18, é convocada a classe a reunir em assembleia magna amanhã, pelas 20,30 horas, no Teatro Cine, a fim da comissão medianeira dar conta dos seus trabalhos.

A Comissão Administrativa desta Associação, lamentando que tanto o governo como a Companhia Portuguesa se mantenham numa atitude de franca irredutibilidade, quando da parte dos grevistas se manifestava o mais ardente desejo de ver o conflito solucionado, com honra para as três partes em litígio, resolveu editar um manifesto no qual todo o pessoal da linha que por qualquer circunstância não compareça na sessão do dia 23, possa ser convenientemente elucidado.

Refutamos as camaradas da C. P., em conformidade com as deliberações da classe tomadas, o seu incondicional apoio moral e financeiro.

Como procedem as autoridades

Ontem, pela manhã, o guarda da camela do apeadeiro do Rego, Joaquim Gonçalves Guerra, foi interpelado pelo chefe da esquadra de polícia instalada naquele local, que lhe perguntou se ele queria retomar o trabalho, ao que respondeu que o fazia desde que todos os seus camaradas assim deliberassem. Convidou-o então o chefe de polícia, a ir à esquadra, para fazer tal declaração, ao que acedeu. Joaquim Gonçalves Guerra, uma vez ali, com grande surpresa sua, ficou preso, o mesmo suce-

AMEAÇAS VELHAS

Pretende-se deportar OS militantes sindicalistas?

Uma ridícula nota de origem officiosa

Segundo uma nota de origem officiosa publicada ontem em vários jornais, não faz o governo constar que vão sugerir a ideia de serem enviados para Africa «determinados membros, agitadores ou propagandistas das classes operárias» por se alegar que estes indivíduos «são os germes de instantes perturbações da ordem pública» e que «vivem, não de um mister profissional, mas exclusivamente à custa de associações».

Por várias vezes tem sido feitas aos militantes sindicalistas identicas ameaças, e durante o período monárquico, se transformaram num facto de uma tréz dezzenas de desventuradas trabalhadores rurais—parte dos quais, e devido aos incessantes esforços da organização sindical, já foram reduzidos à metrópole. E' pois, ameaça velha. Pouco nos preocupamos com o que se hoje lhe dedicamos algumas linhas e simplesmente para que o proletariado fixe bem os processos baixos e arguentes de que lança mão o governo, para desprestigiar os elementos conhecidos do sindicalismo revolucionário português.

A insinuação torpe de que determinados operários vivem à custa das associações, é absolutamente falsa. De todo, de justiça era, em nosso critério, enunciação de trabalhos cargos dignos, que consagrassem as poucas horas de folga que aos operários que os desempenham, concede o labor extenuante de uma officina. Mas não. Do trabalho de organização das classes, os serviços de escrita e expediente dos sindicatos são, geralmente, empenhados absolutamente de graça. De facto, quando se trata da realização de démarches que muito interessam a determinada classe, os dias que trabalhadores encarregados de as ar à prática perdem, de uso é serem remunerados, pois esses camaradas, que se encontram em melhor situação económica que quaisquer outros, tal podem dispensar. Mas disto aos sindicatos manterem certos operários, uma grande distância, representando uma acusação dessa nota officiosa, um buste destinado ao que desconheço o movimento operário. Bem pelo contrário, os militantes sindicalistas em dedicado às respectivas classes, melhor dos seus esforços, da sua inteligência, da sua actividade. Muitos que possuem uma larga folha de serviços, que essas classes não desconhecem e, por isso mesmo, lhes prestam a devida justiça.

Agostamos, pois, mais uma calúnia burguezia. Ela mente, mente sempre porque lá dizia o jesuíta padre

António Vieira que da calúnia sempre alguma coisa fica...

«E quanto à acusação de existirem mençuras entre o operariado, se porventura existissem, não seriam os governantes quem tinha autoridade para lhes verberar o procedimento, porque de sobrejo são conhecidos os elementos suspeitos, de passado duvidoso e mãos sujas, em que as instituições sempre se tem apolado.

A bom entendedor...

II Congresso Nacional Operário

É, mais uma vez, adiado

Em virtude de a greve ferroviária se não ter solucionado, tem rapidamente como se contava, entendem a comissão organizadora do II congresso nacional operário, como, de resto, não podia deixar de ser, que mais uma vez lhe fosse adiado, sem no entanto fixar agora data.

Ficam, porém, prevenidos, por esta forma, todos os sindicatos, que a sua realização se efectuará imediatamente após a terminação da greve, devendo, por isso, a semelhança do que já fizeram no primeiro adiamento, estar de sobreaviso, aguardando o conhecimento da data que lhes será comunicada.

Para o norte, telegraficamente, foi já comunicada esta resolução.

A comissão organizadora espera que, no prazo que ainda medeia até à realização do congresso, algumas associações enviem as suas adesões, cumprindo assim o seu dever de componentes da organização operária.

II Congresso Nacional da Indústria da Construção Civil

Reúniu ontem a comissão organizadora que deliberou sobre assuntos que se prendem com a realização do Congresso, e aos quais o secretário ficou de dever o devido destino.

Por informações dos delegados da Federação que foram ao Algarve em missão de propaganda, foi a comissão informada de que a Associação da Construção Civil de Olhão, aderiu ao Congresso, nomeando delegado o camarada Antonio Jacinto. O mesmo fez a Associação da Construção Civil de Portimão, que nomeou seu delegado o camarada Afonso Pina. Todavia até agora, ainda esta comissão não recebeu qualquer comunicação official destas Associações, confirmando o facto, nem a respectiva cota de adesão, pelo que lembramos a conveniência de legalisarem a sua situação quanto antes, para efeito de estatística. Caso o Congresso tenha novamente que ser adiado, em virtude da greve ferroviária, será comunicado na *Batalha* a todos os sindicatos, tal adiamento.

A paz com a Austríia

Um prazo de 10 dias para a delegação austriaca deliberar sobre o tratado

PARIS, 20.—O tratado completo foi esta manhã entregue à delegação austriaca, dando-se-lhe o prazo de 10 dias para a resposta. A entrega foi feita sem cerimónia alguma, assistindo à entrega as comissões militares interaliadas.—H.

O resumo do tratado

PARIS, 20.—Segundo o tratado com a Austria são englobadas as fronteiras da Austria e os territórios de língua alemã. Fixam-se os territórios austriacos, que são atribuídos à Itália, os quais passam para o poder desta potência. Os caminhos de ferro desses territórios pertencem por completo à Itália, à qual deverá restituir todo o material ferroviário circulante de que se apoderou durante a guerra. O exército austriaco ficará reduzido no prazo de 3 meses a 30.000 oficiais e soldados. E' suprimido o serviço obrigatório, que será substituído pelo serviço voluntário durante 20 anos para os oficiais e 12 para os sargentos e soldados. O armamento é reduzido e os aprovisionamentos militares entregues aos aliados no prazo de 3 meses, o máximo. Devem ser encerradas todas as fábricas militares, excepto uma pertencente ao Estado. E' proibida a exportação e importação de material de guerra.—H.

Sociedade de Estudos Pedagógicos

Realiza-se amanhã, às 21 horas, a 15.ª sessão, com o seguinte ordem da noite: Comunicações livres; Estudo da criança portuguesa; Eleição da direcção para 1919-1920.

